

UMA NOVA REVOLUÇÃO DOS



Em mais de 150 anos, depois de protagonizar todas as revoluções tecnológicas, o plástico atravessa uma nova fase, marcada por uma atitude ecologicamente responsável por parte dos fabricantes de suas matérias-primas. O presidente do Plastivida Instituto Sócio-Ambiental dos Plásticos, Francisco de Assis Esmeraldo não esconde o entusiasmo ao falar da nova missão da entidade: atrair para os quadros do Plastivida a indústria de transformação (também conhecida como Terceira Geração), principal responsável pela imagem do setor plástico. "É um ponto de honra", afirma o engenheiro químico formado pela Universidade do Brasil (atual UFRJ).

Piauiense da cidade de Parnaíba, Assis foi diretor da Salgema, da Companhia Química do Recôncavo (CQR) e da Trikem, além de fundar e presidir o Instituto do PVC e a Associação Brasileira de Tecnologia de Borracha (ABTB). Atualmente, é membro do Conselho Empresarial do Meio Ambiente da Firjan, do Conselho Superior do Meio Ambiente do Fiesp e da Associação Brasileira de Embalagens (Abre). Nesta entrevista exclusiva à Interface, o presidente do Plastivida revela os planos da entidade e discorre sobre o futuro dos plásticos sob a moderna ótica de responsabilidade sócio-ambiental.

Interface - O que mudou a partir da criação do Plastivida Instituto Sócio-Ambiental dos Plásticos?

Assis - Houve uma mudança radical, pois redirecionamos o foco de nossas atividades. Até 2004 éramos uma comissão da Abiquim e agora estamos nos transformando em uma entidade com personalidade jurídica. Respaldados por orçamento próprio, constituímos um Conselho Diretor, adotamos novos conceitos associativos, tornamo-nos mais proativos e nossas operações ganharam em agilidade e representatividade. Ainda em 2005 pretendemos enquadrar nossas atividades de acordo com todas as normas exigidas para a completa operação de uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público).

Interface - Como a cadeia produtiva pode empreender novas posturas socialmente responsáveis?

Assis - Assistimos nos últimos anos ao surgimento de uma nova consciência empresarial, quando o parque industrial brasileiro reformulou sua visão em relação a questões ambientais e sociais. Empresários e executivos perceberam que investimentos dirigidos ao meio ambiente e à qualidade de vida são fundamentais para modelar a imagem das

empresas junto a fornecedores, clientes e comunidade. Numa escala progressiva, projetos voltados para reciclagem e cidadania estão cada vez mais presentes nos orçamentos e balanços financeiros.

Interface - Qual será o foco das atividades do Plastivida?

Assis - A prioridade é agregar a indústria de transformação ao Plastivida. A Terceira Geração é a interface direta com a sociedade e esse é um ponto de honra, pois é a partir dele que o consumidor forma a imagem do setor. O plástico está presente em cada detalhe do mundo contemporâneo, da moda à construção civil, da medicina às telecomunicações. Altamente duráveis, (o que é, por um lado, uma grande vantagem) os produtos pós-consumo (ou descartáveis) provocam impacto ecológico devido a características físicas que dificultam sua absorção pelo meio ambiente. Lembro que o tratamento inadequado do lixo é um problema de comportamento da população que somente agora é que começa a se preocupar com a coleta seletiva. Um dos objetivos do Plastivida é mudar essa percepção através de campanhas na mídia, além de ações voltadas para a formação educacional de crianças e adolescentes. Nosso sonho é fazer com que

as empresas trabalhem junto às comunidades de seu entorno e aos públicos de seu interesse, esclarecendo e melhorando a qualidade de vida da sociedade.

Interface - Que ações estão sendo tomadas para atingir esse objetivo?

Assis - Há uma palavra que pode resumir as atividades do instituto: transparência. Criamos os comitês de Relações Institucionais, Técnico, de Responsabilidade Social, Biodegradabilidade e de Comunicação, que pautam seu trabalho em ações dirigidas a todas as esferas da sociedade civil. Neste ano, promovemos dois simpósios, quando discutimos sobre reciclagem mecânica e biodegradação. Nesses eventos estiveram presentes desde formadores de opinião até representantes da indústria plástica e parlamentares, como o deputado federal Fernando Gabeira e a senadora Serys Slhessarenko. Constatamos que a primeira e a segunda gerações encontram-se em alto grau de maturidade. Nosso alvo é a indústria de transformação, com a finalidade de ajudá-la a assumir atitudes cada vez mais voltadas para a responsabilidade social e ambiental. Outro passo foi a realização do 1º Plastivida Anual, em novembro, quando criamos com a Abief

PLÁSTICOS

(Associação Brasileira da Indústria de Embalagens Flexíveis), uma parceria com a finalidade de estabelecermos programas conjuntos que valorizem as iniciativas sócio-ambientais dos representantes da indústria de transformação da cadeia produtiva.

Interface - Que assuntos vêm despertando mais interesse?

Assis - Um, em particular, é o da biodegradabilidade. Em nosso último simpósio, especialistas alertaram para o perigo do "marketing verde" das embalagens degradáveis e biodegradáveis, criando no consumidor a ilusão de que essas propriedades resolvam problemas ambientais. Esse é um tema complexo e polêmico. Até porque o potencial energético do plástico é superior ao da gasolina. Literalmente, a idéia pura e simples da degradação desperdiça esse potencial. É uma preocupação global, pois a ciência ainda não conseguiu identificar todos os efeitos de materiais orgânicos e não-orgânicos no meio ambiente. Nesse mesmo evento foi apresentada uma pesquisa arqueológica realizada no lixão de Mogi das Cruzes (SP), onde os pesquisadores encontraram praticamente intactos restos de alimentos sabidamente biodegradáveis. Um deles encontrou uma bisteca enterrada há mais de dez anos! Para haver uma correta biodegradação são necessárias condições específicas de temperatura, umidade, pH do solo etc. Na minha opinião, também deveríamos pesquisar com mais profundidade as tecnologias de reciclagem para potencial energético e econômico que os plásticos oferecem, mas sempre observando que os plásticos biodegradáveis e aditivados têm seu espaço.

Interface - O poder público pode contribuir em que ponto?

Assis - Definitivamente, acredito na aplicação prática do conceito original de Desenvolvimento Sustentável. A criação do Ministério do Meio Ambiente foi um fato altamente positivo, impen-sável em décadas passadas. O problema se concentra na burocracia que atravanca empreendimentos urgentes, não apenas no Executivo, mas também no Legislativo. Quer um exemplo? O projeto de lei que estabelece a Política Nacional de Resíduos Sólidos - absolutamente fundamental para equiparar o Brasil a práticas utilizadas há anos em países de alta industrialização - está emperrado no Congresso Nacional desde 1991. Essa política é vital para viabilizar tecnologias de preservação de recursos naturais, estabelecerem diretrizes para reduzir os resíduos, ordenar a coleta seletiva e buscar soluções para a saturação dos aterros sanitários, os quais estão se esgotando.